

MONITORIA INDÍGENA: UMA INTERLOCUÇÃO ENTRE ALDEIA E A ACADEMIA.

Mariana Pinto da Fontoura¹

Leandro Xavier da Silva²

Marta Iris Camargo Messias da Silveira³

Alinne de Lima Bonetti⁴

Nelson Francisco Serrao Junior⁵

Resumo:

Neste trabalho relata-se as experiências que se adquiriu com a realização das atividades de monitoria, e de que forma estas auxiliaram no rendimento acadêmico e crescimento pessoal. A monitoria fortalece os laços de respeito às diferenças culturais, onde aprendemos que este olhar etnocêntrico de enxergar o mundo necessita ser superado. A importância destes indígenas dentro da universidade vai além da questão de representatividade para os seus, mostra também que a instituição em que estamos nos desenvolvendo profissionalmente coloca em prática seu discurso de universidade laica, de qualidade e é feita para todas e todos. A permanência ao ensino superior para população indígena, não deve ser compromisso apenas de uma lei federal, mas de todos nós. Quando o discente indígena ingressa na universidade, o desafio se torna ainda maior, pois seu ensino fundamental e algumas vezes o ensino médio são totalmente voltados para sua aldeia, e sua língua materna é a base de tudo, sendo a mais usada em sua comunidade. Iniciou-se o processo de ensino-aprendizagem com a acadêmica I.D., após a minha participação na seleção de monitores para o assessoramento aos alunos indígenas. O maior objetivo destas monitorias é que os conteúdos passados pelos docentes fossem mais claros possíveis, assim estreitando o processo de ensino-aprendizagem. Debatendo entre os monitores, notou-se que a acadêmica apresentou dificuldade na interpretação de texto e que precisava revisar cotidianamente todos os conteúdos curriculares ministrados no passado, juntamente com as referências bibliográficas disponíveis no plano de ensino de cada componente curricular, e que só desta forma conseguiria mais autonomia de estudo e começaria a se familiarizar com o hábito de leitura, interpretação de texto e diminuição das dificuldades enfrentadas neste quesito. Mas é imprescindível lembrar que a linguagem técnica dificulta a compreensão e o entendimento de disciplinas específicas do curso de fisioterapia, as quais exigem da mesma maior empenho para conseguir avançar no componente curricular do curso. No início tivemos dificuldades em nos comunicarmos, a acadêmica indígena é tímida e muito calada. Achou-se que, inicialmente, isto era cultural, mas no decorrer do processo, observaram-se individualidades em seus comportamentos. Atitudes de “defesa” e “estranhamento” são comuns já que fazem parte de sua cultura,

então, querer que um indígena se enquadre aos comportamentos atuais, modernos e/ou contemporâneos é fazer com que o mesmo perca sua essência e se torne outra pessoa. A acadêmica indígena tem um futuro brilhante pela frente, porém, faz-se necessário maneiras diferenciadas de assessoramento, assim, possibilita o entendimento das matérias abordadas e consequentemente refletirá em seu desenvolvimento acadêmico, e como dizemos na área saúde: "o ser humano é um ser complexo com suas peculiaridades e necessita ser visto como um todo". A universidade tem o dever de instigar, preparar e modificar o aluno, e é preciso usufruir constantemente deste espaço uma vez que ele possibilita enxergar diversas oportunidades em meio às dificuldades enfrentadas a cada dia enquanto universitário.

Palavras-chave: INDÍGENA, UNIVERSIDADE, MONITORIA.

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

MONITORIA INDÍGENA: UMA INTERLOCUÇÃO ENTRE ALDEIA E A ACADEMIA.

¹ Aluno de graduação. marifontoura02@hotmail.com. Autor principal

² Aluno de graduação. leexavier18@gmail.com. Co-autor

³ Docente. jamaicatreze@yahoo.com.br. Co-orientador

⁴ Docente. alinne.bonetti@gmail.com. Co-orientador

⁵ Docente. nelsonserrao@unipampa.edu.br. Orientador



MONITORIA INDÍGENA: UMA INTERLOCUÇÃO ENTRE ALDEIA E A ACADEMIA.

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho relata-se as experiências que se adquiriu com a realização das atividades de monitoria, e de que forma estas auxiliaram no rendimento acadêmico e crescimento pessoal. A monitoria fortalece os laços de respeito às diferenças culturais, onde aprendemos que este olhar etnocêntrico de enxergar o mundo necessita ser superado. A importância destes indígenas dentro da universidade vai além da questão de representatividade para os seus, mostra também que a instituição em que estamos nos desenvolvendo profissionalmente coloca em prática seu discurso de universidade laica, de qualidade e é feita para todas e todos.

“As ações afirmativas, enquanto políticas compensatórias adotadas para aliviar e remediar as condições resultantes de um passado discriminatório, cumprem uma finalidade pública decisiva para o projeto democrático, que é a de assegurar a diversidade e a pluralidade social. Constituem medidas concretas que viabilizam o direito à igualdade, com a crença de se moldar no respeito à diferença e à diversidade (SALES,2007).”
“O Programa de Ações Afirmativas tem como finalidade combater no ambiente universitário as desigualdades e as discriminações étnicas, raciais, sociais, as discriminações em razão da deficiência e outras historicamente enraizadas na sociedade e contribuir na institucionalização da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva com o objetivo de garantir o pleno acesso à educação superior em consonância com a Política de Assistência Estudantil da UNIPAMPA (resolução nº 84/2014, Art. 104).”

A permanência ao ensino superior para população indígena, não deve ser compromisso apenas de uma lei federal, mas de todos nós. Quando o discente indígena ingressa na universidade, o desafio se torna ainda maior, pois seu ensino fundamental e algumas vezes o ensino médio são totalmente voltados para sua aldeia, e sua língua materna é a base de tudo, sendo a mais usada em sua comunidade. Assim como em várias escolas no nosso país, a falta de recursos também afetam as escolas das comunidades indígenas fazendo com que o ensino e suas ferramentas sejam aplicados de maneira precária.

Iniciou-se o processo de ensino-aprendizagem com a acadêmica I.D. após a minha participação na seleção de monitores para o assessoramento aos alunos indígenas, (no qual o curso de fisioterapia ainda não tinha nenhuma monitora ou monitor homologado) e divulgação do resultado. Acompanhando-a, percebi algumas dificuldades que impossibilitavam o desenvolvimento da mesma frente às matérias abordadas. Houve a necessidade de colocar em prática monitorias que fossem didáticas que viabilizassem a troca mútua de conhecimento.

Um aluno questionador, muitas vezes se torna o aluno interessado e engajado em aprender coisas novas.

2. METODOLOGIA

A monitoria teve seu início em junho/2017, as mesmas foram planejadas semanalmente através de revisões em conteúdos que já haviam sido lecionados em semestres anteriores para posteriormente auxiliar a acadêmica. As monitorias aconteceram em dias já pré-estabelecidos pelos monitores e aprovado pelo tutor, sendo organizado um cronograma em que os horários de aula dos discentes não fossem afetados e não ocorresse desgaste físico uma vez que, nos horários anteriores a carga horária dos monitores já era preenchida pela grade curricular do curso de fisioterapia. Os encontros com a acadêmica indígena ocorriam no Núcleo de Estudos Afro Brasileiros e Indígenas (NEABI), biblioteca da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Uruguaiana e na sala de informática do prédio 700 quando necessário. Foi utilizado materiais de apoio, como vídeos, estudos dirigidos, literatura, slides das aulas e resumos previamente produzidos pela monitora e o monitor com auxílio do tutor. Constantemente a acadêmica indígena foi questionada sobre as atividades para saber se as mesmas estavam de seu agrado e se realmente está sendo efetivo, uma vez que se estas abordagens não estivessem sendo suficientes, deveríamos mudar os métodos e/ou estratégias de ensino-aprendizado. O maior objetivo destas monitorias é que os conteúdos passados pelos docentes ficassem mais claros possíveis, assim estreitando o processo de ensino-aprendizagem.

Debatendo entre os monitores, notou-se que a acadêmica apresentou dificuldade na interpretação de texto e que precisava revisar cotidianamente todos os conteúdos curriculares ministrados no passado, juntamente com as referências bibliográficas disponíveis no plano de ensino de cada componente curricular, e que só desta forma conseguiria mais autonomia de estudo e começaria a se familiarizar com o hábito de leitura, interpretação de texto e diminuição das dificuldades enfrentadas neste quesito.

3. RESULTADOS e DISCUSSÃO

“Começamos empolgados”, mas ao decorrer das monitorias percebeu-se falhas na explicação de qual seria o papel da monitora e do monitor frente a esta temática. Após o início das monitorias houve uma reunião para determinadas apresentações e ações, mas alguns aspectos não foram claros o suficiente para o entendimento da acadêmica indígena. A mesma achou que as monitorias seriam uma segunda aula dos temas já abordados pelos docentes. Se repassássemos as aulas como ela queria, seria assumido um papel de docente, saindo do foco das monitorias, uma modalidade de ensino entre discentes, onde o questionamento, estimulação a pesquisa e a autonomia deveriam ser o foco principal.

No início tivemos dificuldades em nos comunicarmos, a acadêmica indígena é tímida e muito calada. Achou-se que, inicialmente, isto era cultural, mas no decorrer do processo, observaram-se individualidades em seus comportamentos.

Cada pessoa carrega uma bagagem histórica distinta, e isto ressalta grandiosamente em certos momentos.

Percebeu-se durante o convívio com a indígena que a interação dos colegas com a mesma faz-se reproduzir a estigmatização da imagem “caricata” e desatualizada do indígena, como se não sofresse alterações, já que, ainda os mesmos são visualizados de maneira que venha de encontro com as instruções recebidas nas séries iniciais.

É preciso lembrar que este povo foi oprimido, subjugado, impondo a eles regras e valores totalmente diferentes da qual eram habituados a viver, passando por um processo de colonização.

Atitudes de “defesa” e “estranhamento” são comuns já que fazem parte de sua cultura, então, querer que um indígena se enquadre aos comportamentos atuais, modernos e/ou contemporâneos é fazer com que o mesmo perca sua essência e se torne outra pessoa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante os meses que se esteve ao lado da indígena, tentou-se achar uma explicação para esta falta de entendimento frente aos componentes curriculares estudados, visto que, os subsídios para um bom aprendizado foram constantemente renovados para seu desenvolvimento, notando-se então, que a acadêmica apresentou dificuldades em interpretação de texto. Nos últimos encontros com os monitores do curso de fisioterapia, a acadêmica apresentou uma grande melhora na compreensão dos conteúdos, relatando, para a monitora e o monitor que estava mais fácil o entendimento dos componentes curriculares e tudo isso graças às monitorias previamente agendadas.

A acadêmica indígena foi aprovada em três dos oito componentes curriculares que cursou neste primeiro semestre, acabou modificando seu comportamento e conseguiu obter mais autonomia com seus estudos, estando mais familiarizada com o ambiente da universidade e seu funcionamento. Mas é imprescindível lembrar que a linguagem técnica dificulta a compreensão e o entendimento de disciplinas específicas do curso de fisioterapia, as quais exigem da mesma maior empenho para conseguir avançar no componente curricular do curso.

A acadêmica indígena tem um futuro brilhante pela frente, porém, faz-se necessário maneiras diferenciadas de assessoramento, assim, possibilita o entendimento das matérias abordadas e conseqüentemente refletirá em seu desenvolvimento acadêmico, e como dizemos na área saúde: “o ser humano é um ser complexo com suas peculiaridades e necessita ser visto como um todo”.

A universidade tem o dever de instigar, preparar e modificar o aluno, e é preciso usufruir constantemente deste espaço uma vez que ele possibilita enxergar diversas oportunidades em meio às dificuldades enfrentadas a cada dia enquanto universitário.

5. REFERÊNCIAS

LUCIANO, S. G. *O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. 2006. Brasília. UNESCO, Ministério da Educação. 2006. 236p. Educação para todos.

SANTOS, S. A. *Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas*. Brasília. UNESCO, Ministério da Educação. 2007. 236p. Educação para todos.

POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL, resolução N° 84, 2014, Universidade Federal do Pampa.

LIMA, S. C. A.. BARROSO, M. M.. *Povos indígenas e universidade no Brasil: contextos e perspectivas 2004-2008*. Rio de Janeiro. 2013. LACED. E-PAPERS.